



À tardinha, elevam -se orações ou despertam de uma manhã ainda criança, e o mundo inflama -se. Ajoelhados ou de rosto em terra, de olhos cerrados para ver e mãos abertas para apertar, com lábios balbuciantes ou vozes sinfônicas, na intimidade do poema ou na prosa familiar, no tom da flauta ou no sopro dos órgãos das igrejas, no odor do incenso e no clarão dos círios. Tão numerosos como as estrelas, os homens rezam. Rezam mulheres e mães, velhos e crianças, iletrados e sábios, artistas e artesãos, místicos e políticos, sábios e operários, monges e peregrinos. Cantam e recitam, gritam e murmuram, improvisam e compõem, abandonando -se confiadamente e recolhendo -se na promessa. Fogo de gestos e de palavras em que se ateia a espera, em que as histórias forjam um destino, em que as leis do mundo se enlaçam numa imponderabilidade insuspeita! Fenómenos antigos! Ilusionistas que os consideram vãos! É um delito sufocar -lhes a voz.

A humanidade manifesta -se aqui no que de mais belo tem, orando como um corpo que respira, da mesma forma que oferecemos o que recebemos, que nos erguemos, que nos expomos e nos desvendamos. Orações instintivas que dimanam da vida. Reverentemente diante dos textos sublimes de Hesíodo e de Píndaro, de Sófocles e de Eurípides, de Platão e de Simplicio, de Virgílio e de Ovídio, de Al -Jîli e de Tao -Hsin: orações vindas das profundezas dos tempos. Mas no cristianismo, ora -se ou tenta -se orar em nome do único amor, mercê de um apelo perturbado pelo amor na Cruz: orações vindas das profundezas dos corações. Aprende -se a orar como se aprende a amar, porque o amor também é uma aprendizagem. Obedecemos? Sim, mas ao único mestre do amor. Submetemo -nos? Unicamente

em nome do amor. Abandonamo -nos? Mas ao único mistério do amor. Invocamos? Mas só a força do amor. Não há obediência nem submissão, nem abandono, nem invocação, apenas entrega à vida que ali se encontra. Daí os séculos de orações existentes no mundo, em todas as culturas e artes, filosofias e teologias. Daí os rios de palavras sobre um leito emaranhado de alegrias, de angústias e de ternura, com as suas ondas de revoltas selvagens e os seus reflexos de êxtase pudico. Daí também a piedade na ordem amorosa e a biografia de um mundo passado.

Como uma porta de acesso directo ao tesouro inestimável das mais belas orações da tradição cristã, como uma homenagem a quem ainda o enriquece, como um presente oferecido a quem o excesso de infelicidade confiscou as palavras e a quem a plenitude as murmura – assim concebemos esta obra. Algumas destas orações estão próximas de nós, outras são pouco conhecidas, foram esquecidas ou são até ignoradas, a maior parte delas dispersas pelos ventos do tempo e do espaço. Orações pessoais ou litúrgicas, da rua ou do Carmelo, de santos e de profanos, de beneditinos e de cartuxos, franciscanos, dominicanos ou inacianos. Junto delas aqui reunidas, o leitor ou o orante não saboreará unicamente um património cultural e literário de excepção, mas também cruzará caminhos tocados pelo absoluto, enxertados na beleza do mundo, enlouquecidos pelo trágico das horas, confessando a súplica dos medos, transportados pelo louvor, expostos à revolta e às nuvens de sangue, metamorfoseados no sacrifício, inundados de paz e, depois, ébrios de felicidade.

Estas orações são belas, com uma beleza não fortuita, não acidental, não ocasional. E não se trata apenas de «bom estilo»! A sua beleza é intrínseca, interior, inerente às mensagens que transmitem: beleza do fraseado que desvela as palavras, beleza da linguagem erguida no ímpeto das profundezas, beleza do ritmo que acompanha as palpitações do coração, beleza de pontuação que marca e enquadra as rimas da contemplação.

Belas porque verdadeiras e não apenas porque «soam bem»! Mas verdadeiras porque falam a língua da nossa humanidade primeva, re-

latam a sua condição essencial, abraçam os seus dramas e orientam os seus corpos. Verdadeiras porque a visitam nos seus abismos, percorrem as suas emoções e levam -na adiante. Verdadeiras porque ecoam nela, fiam as suas interrogações e, depois, nas noites da fé, nas auroras de esperança e nos meios -dias abrasadores da caridade, prodigalizam algumas pérolas de respostas. Verdadeiras porque fazem soar a hora do imprevisível, marcam os encontros com o inesperado, reatam a aliança com o impossível. Verdadeiras porque celebram umas bodas eternas. Belas porque animadas e não lengalengas de orações para rostos sem expressão! Palavras da alma ardente. Dirigidas a um Tu misteriosamente próximo, o inominável chamado Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo, o Criador, o Salvador e o Inspirador, voltadas para a Virgem Maria e para os santos, as orações fazem vibrar o eu na sua finitude e nas suas feridas: abrem -no quando ele se fecha sobre si, recolhem -no quando se dispersa, reconstituem -no quando ele se destitui, desvelam -nos quando ele se justifica, devolvem -no a si mesmo quando ele se procura. Orações. Em suma, orações que transformam, sobressaltam, perturbam os seus autores e os seus ouvintes. Potências sem poder: ligadas ao «nós» sem precedência do Pai -Nosso, constituem o génio das fraternidades reunidas em assembleia, dão às rivalidades a saída das concórdias improváveis, dissipam no perdão as violências desoladas.

Belas porque boas como as liturgias jubilosas, e não porque enfeitem ou ofereçam sortilégios de encantamentos! Porque voltadas para o céu, fecundam a terra. Concebidas na cela do monge, comunicam e são comunhão; escondidas na multidão dos anónimos, elas identificam. Espontâneas, repelem Narciso e, ritualizadas, dominam os costumes. Na austeridade, saboreiam o festim; nas bodas, inquietam -se como Maria. Oferecidas ao invisível, olham insistentemente e, no eco do silêncio, fazem -se ouvir. De mãos juntas, murmuram a fragilidade do mundo; de braços estendidos, carregam -no.

Assim é, no cristianismo, a oração original. O Livro dos Actos dos Apóstolos (século i) assim fala dela: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações» (2, 42). Que

faziam os primeiros cristãos? Um acto de oração: partilhavam orando, oravam partilhando; conversavam com Deus assim acarinhando o humano. É que a oração cristã não é de modo nenhum uma meditação ensombrada pelos progressos do *ego*, mas brota na admiração de uma alteridade primeira, de uma aliança misteriosamente estabelecida no mais íntimo de cada um de nós. Ela não dialoga com um ser abstracto ou impassível, nem com os elementos estáticos do universo: a árvore ou o astro. Ela é uma conversa com Alguém: lança -se e, então, pede ou até suplica, e agradece ou exulta no louvor. Tanto pelo próximo como por si mesma. Já tudo se disse.

Já tudo foi dito sobre a prodigiosa crónica das orações cristãs, cujo princípio de coerência é Cristo em pessoa e a energia que Ele suscita. Já tudo foi dito sobre uma prática e uma poética que se reconhece devedora da oração judaica que desposa numa secreta aliança com a humanidade de Deus. Palavras oriundas do hebraico e do grego, do árabe e do arménio, do russo e do siríaco, da Ásia Menor e de mais longe, do anónimo e do escritor conhecido, palavras mestiçadas, mas transfiguradas pelo Espírito. Destino de uma escolha de eleição que apenas conhece a dimensão universal, tendo como fronteiras somente dores partilhadas, como limites apenas o do filho perdido ou escorregado, e como limiares unicamente os corações arrependidos.

Nascimento e declínio, noivado e morte, silêncio e ruído, vigília e resistência, estudo e acção, entusiasmo e derrota, humor e tristeza, silêncio e mensagem, claro e escuro, caminho e impasse: na oração que os habita, o último atinge o instante, a parusia apodera -se do ser que lá está, o horizonte é o limite.

Ouvidas? Escutados? Todos os orantes conhecem a resposta: oxalá que não lhes seja retirada por algum pregador inflamado! «Escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). Os pequeninos não fogem ao tempo, mesmo quando lhe pedem que se tornem eternidade, não hipotecam o humano quando o oferecem ao divino. Não, abrem uma oportunidade, uma primeira e uma última oportunidade. O mundo é oração.